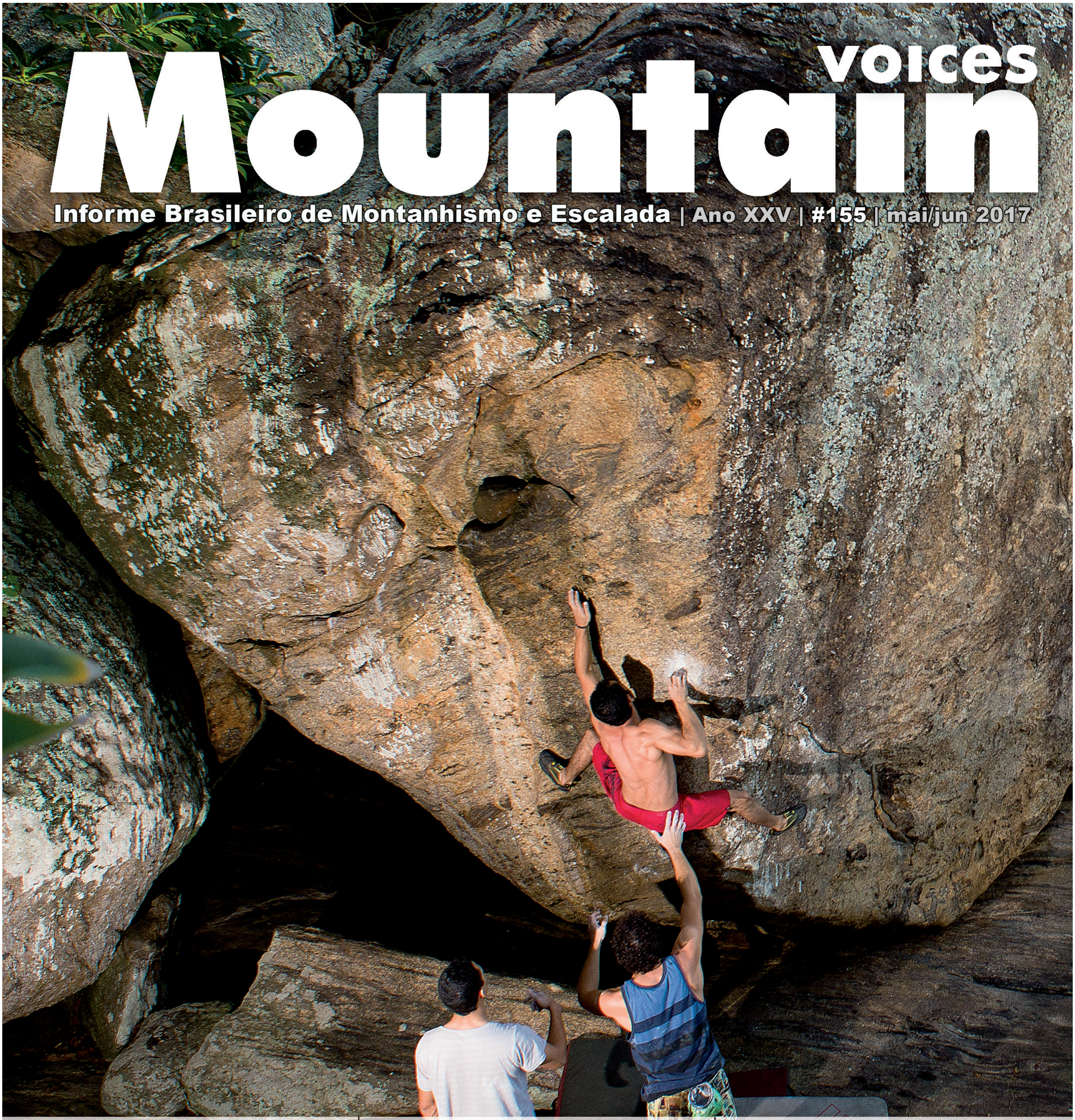
Mountain voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXV | #155 | mai/jun 2017



SAJAMA
GELO NA BOLÍVIA

PRAIA DOS
PADRES - ES

SERRA DO
ESPINHAÇO

AVALANCHE | ESPORTIVA | MONTANHISMO

Internacional

BY YOURSELF

Uma vez eu escutei de uma escaladora maravilhosa, agora de Yosemite, a seguinte frase: Sempre se pode solar alguma vez na vida, cada um tem a sua via para escalar por si mesmo, sem ajuda, de nada, nem de ninguém. Em outro momento, viajando na Patagônia, um americano me contou estar viajando há alguns anos "by myself" me deixando com a pergunta enorme na cabeça, estaria eu viajando e vivendo por "eu mesma"?

Alessandra Arriada | RS

Para quem não sabe escalar em solo, sem delongas técnicas, é escalar sozinho mesmo, sem ajuda de nada, da forma mais veio ao mundo possível, com sapatilhas sim, mas sem corda, nem segurança. Ou seja, com o mínimo de ajuda.

Eu costumo correr, adoro treinar para provas, mas meu grande desafio era correr sozinha. Custava engrenar no treino pois precisava do grupo. Mudava o percurso, implorava companhia. Consegui comprar uns fones e eis a descoberta: com a música certa se vai longe!

Cada um tem a sua própria música, na vida, na escalada, seja como for o tamanho da parede. O maior escalador do mundo em escalada em solo admitia tornar o desconhecido, conhecido, antes de se jogar nas grandes paredes, onde então contava somente com a respiração. Ou seja, seja qual for a técnica que você usar, estudar seu objetivo, perguntar ao outro, pedir ajuda, chega uma hora, maldita hora ou bendita hora, que você está por você mesmo. Terá que escolher sua música, seu ritmo, seu objetivo. E seguir em frente. Terá que perguntar sobre a sua vontade de continuar e contar com você, seu conhecimento, técnico e emocional, sua calma, sua maturidade, para traçar sua via. E você tem a sua, pode ter certeza. Tem o seu crux. E tem o seu movimento que tirará de letra. Será diferente da maioria das pessoas, será único, será seu, pois você chegou a esse mundo sozinho e dele sairá da mesma forma. Ouvi essa frase a primeira vez de um amigo italiano ao chorar por sua partida e achei numa primeira impressão a coisa mais triste e insensível do mundo, mas era pura verdade. Estamos sós. E precisamos gostar de nossa companhia. Seja correndo, com a música certa nos motivando ou limitando nosso pace, seja escolhendo a melhor agarra que nos permitirá sair de nossa trajetória com segurança.

Mas nada é tão triste ou trágico, nada disso. Como bem me mostrou meu amigo americano, viajar by ourselves significa ser Senhor do Nosso Tempo, significa ter liberdade para nossas escolhas e permissão para sonhar alto e ir atrás, sem alguém te dizendo que não quer ir ou que você não pode, ou que não pode te ajudar. É decidir entre tomar vinho no hostel ou simplesmente dormir cedo para caminhar, é decidir com quem falar, com quem andar, ou quando falar, é decidir como se quer se movimentar, é decidir o nó que vai te salvar a vida ou te tirar a paz. Viajar através da vida é saber das consequências de se estar acompanhado mas mais ainda apreciar a consequência de se estar sozinho: amar a si mesmo incondicionalmente, acreditar na capacidade de encontrar a sua própria via para solar, saber onde se pode chegar, como e quando será. Sempre se pode chegar lá, mas esperar a hora certa é sabedoria.

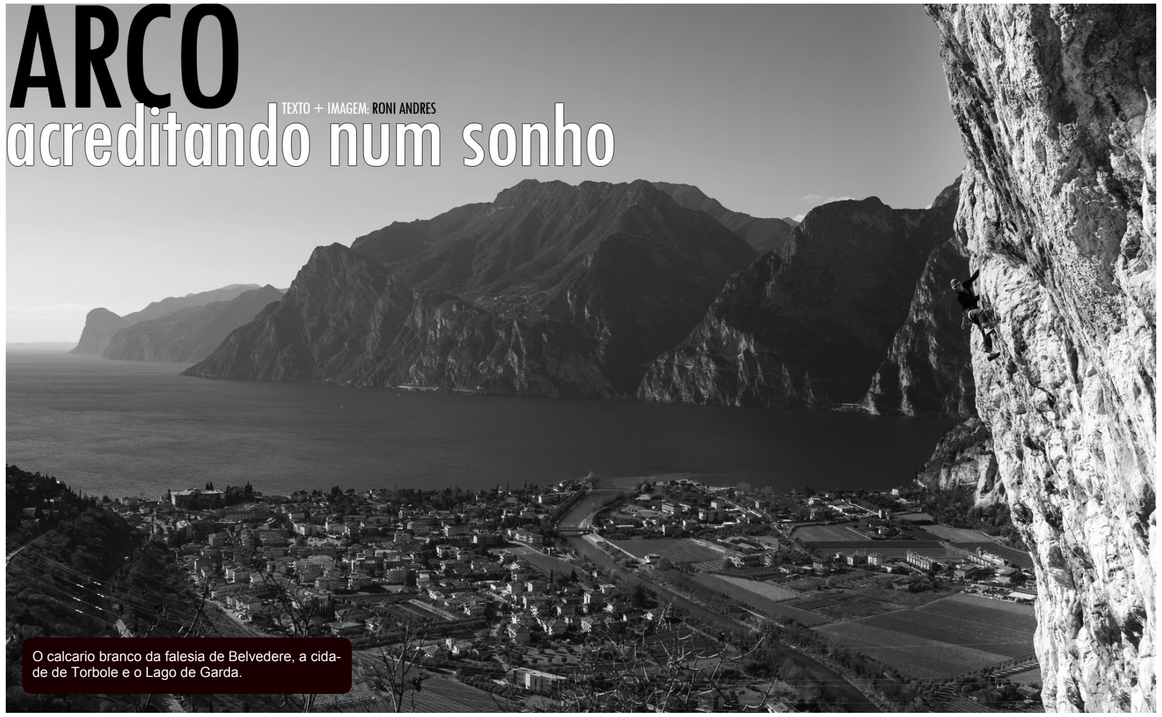
Contamos com muita ajuda no nosso caminho. Inúmeros amigos. Conhecidos. Família. Então você se muda trocentas vezes de casa e cidade e se depara com a solidão. Escala sempre com os amigos, eles estão na base, mas você está lá, tomando suas decisões. No início pode doer, estranhar, enlouquecer, desesperar. Então você respira. Aumenta o som da sua música. Concentra na respiração. E segue em frente pois você não tem outra alternativa a não ser chegar do lado de lá para ver o que te espera.

Então você sorri. Olha para você mesmo, sabendo que, a felicidade compartilhada é maravilhosa sim, mas ela também é real by yourself!

Boas escaladas solo a todos.

ARCO
acreditando num sonho

TEXTO + IMAGEM: RONI ANDRES



O calcario branco da falesia de Belvedere, a cidade de Torbole e o Lago de Garda.

Agosto de 2008, aeroporto de Curitiba destino Arco/Italia, mochila cargueira nas costas, dentro roupas, calçados e alguns objetos pessoais. Levava também as economias dos últimos tempos e tantas duvidas de uma mudança radical, loucura diziam alguns.

Hoje dou um pouco de razão aquelas pessoas, pois desembarquei no aeroporto de Malpensa em Milão com tudo aquilo que me pertencia na mochila e no corpo, sem falar uma palavra em italiano e com o objetivo de iniciar uma vida nova. Nunca me esquecerei a noite da minha chegada quando vi pela primeira vez o Lago de Garda, naquele momento caiu a ficha e pensei comigo mesmo: Agora são duas possibilidades, ou "pedalo" ou volto pra casa em pouco tempo! O que no final das contas não aconteceu…

Quase 9 anos se passaram daquele dia e Arco aos poucos se tornou minha nova casa. No mês passado quando voltei de uma pequena viagem de escalada na Espanha, postei no Instagram a foto de uma falésia aqui perto, dizendo como é legal voltar de férias quando a cidade onde tu mora também é uma cidade de férias, e isso acontece todas as vezes que eu volto de algum lugar, seja ele onde for.

Arco é uma pequena cidade de 17.000 habitantes localizada no Vale do Rio Sarca, provincia do Trentino/Alto Adige, a 40Km da capital Trento. A história da escalada na "Busa" (como os nativos chamam a parte final do vale, e onde o rio Sarca desemboca no Lago de Garda) teve inicio nos idos de 1930 com a conquista de algumas vias nas montanhas aqui em torno, porém a grande evolução veio no início dos anos 80 com as primeiras competições, Sportroccia, primeira competição internacional de escalada esportiva com etapas em Bardonecchia (Piemonte) e Arco, que depois deram lugar ao Rockmaster e a abertura de uma grande quantidade de falésias e lojas especializadas. Naquele período as primeiras edições de 85, 86 e 87 foram realizadas na rocha, colando adesivos coloridos pra delimitar as agarras validas. No ano de 1998 foi realizado o primeiro Rockmaster em parede artificial na estrutura que recebe o evento até os dias de hoje.

Sobre a escalada em rocha eu não saberia dizer com precisão a quantidade de vias esportivas e multipitch aqui no vale e redondeza, até mesmo porque existe uma grande parte não catalogada por diversos motivos, mas creio que o numero se aproxime de 3.000 pra cada modalidade, ja o número de lojas supera 20. Vale lembrar que a uma hora de carro de Arco existe uma area de boulder (Vale de Daone) com mais de 400 boulders num granito de ótima qualidade e dentro de um vale belíssimo!

A outra pequena vantagem de Arco em relação as escaladas é a proximidade de algumas falésias e vias, do centro é fácil chegar a pé em 10, 15 minutos em points como Calvario, Bus De La Stria, Prabi, Rupe Secca, Piccola Dallas, Colodri (vias de 300 metros) e Massone, essa ultima, apesar de polida, é uma das falésias mais famosas da Italia com mais de 150 vias de 4° ao 9a+. Depois pra quem conhece algum "local" tera sempre a oportunidade de escalar em novos points, pois a quantidade de rocha é enorme e o desenvolvimento de novos setores é sempre constante.

Como ja comentado em outras matérias que fiz, a prefeitura da muito valor pra escalada e em vários setores a manutenção é gerenciada pela mesma. Certas associações e grupos estão iniciando projetos como a 'Acess Found' , a idéia é de comprar as terras onde estão localizados antigos points, com o objetivo de reorganiza-los e preserva-los como ambiente natural e area de escalada. O resultado de toda essa organização é um grande fluxo de gente no verão, o que trás benefícios a toda comunidade como: restaurantes, bares, hotéis, lojas, campings, super mercados, para citar alguns.

Mas não é sò de escalada que vive Arco, e talvez essa seja a grande diferença dos outros lugares que tive a oportunidade de conhecer. Existem possibilidades infinitas de trilhas a pé ou bike, das mais variadas dificuldades, uma grande quantidade de Vias Ferratas, e também uma grande quantidade de ciclovias que ligam a maioria das cidades vizinhas, tudo isso acompanhado sempre por uma paisagem lindissima. No verão os lagos de Garda, Tenno e Molina di Ledro são verdadeiras praias pros dias de descanso e pra quem curte esportes aquáticos, no Lago de Garda as escolas de mergulho, windsurf e kitesurf são sempre disponíveis. No inverno é muito fácil chegar nas pistas de esqui pra "fazer um par de curvas" como dizem por aqui.

Impossível falar de Italia e não mencionar cultura e gastronomia. Os castelos de Arco, Drena e Buonconsiglio em Trento, merecem absolutamente uma visita, museus como o MUSE (Museo de Ciências) em Trento, 'Museo della Guerra' em Rovereto e alguns vilarejos medievais são uma ótima opção para enriquecer culturalmente e pra voltar um pouco no tempo.

Restaurantes, pizzarias e sorveterias não faltam por aqui, diga-se o melhor sorvete na opinião de muita gente. Fácil encontrar também pequenos locais com pratos tradicionais acompanhados por um bom vinho ou uma boa cerveja a preços acessíveis.

A estadia, na minha opinião, é a unica coisa que Arco deixa a desejar, se comparado com outros lugares aqui na Europa, os campings tem preços exorbitantes, no final das contas vale mais a pena alugar um apartamento ou ficar em Hotel ou Bed and Breakfast.

A melhor epoca pra quem escala é sem duvida primavera e outono, mas no inverno também é possível , o importante è que não chova e escalar preferivelmente ao sol. No verão é possível sempre escalar em montanha onde as temperaturas são sempre mais agradáveis.

Pra fechar, se alguém esta pretendendo fazer uma viagem onde poder 'juntar o útil ao agradável' fica a dica desse show de lugar chamado Arco, quem vier certamente não vai se arrepender!

Boas escaladas a todos.

CASA DE PEDRA

AGORA EM NOVO HORÁRIO

Seg. - Sex. : 6:00 às 23:00hs.

www.casadepedra.com.br

RIO NAS MONTANHAS 2017

A década de 80 no Rio de Janeiro foi muito marcante para a escalada do Rio de Janeiro, diversos escaladores de ponta ultrapassaram barreiras e quebraram limites, promovendo a evolução do montanhismo brasileiro. Outro grande destaque dessa década foi a organização da primeira Abertura da Temporada de Montanhismo (ATM) do Brasil pelo Centro Excursionista Guanabara (CEG).

Sem saber que estavam fazendo história, os guias e a diretoria do CEG se uniram para realizar a Abertura da Temporada de Escalada. Com o intuito de promover uma mudança, a então presidente do clube, Denise Macedo (sim, a mesma da via no Morro da Babilônia), percorreu os clubes do Rio de Janeiro angariando apoio e convocando os montanhistas para a festa.

Nessa época, os escaladores estavam principalmente agrupados em centros e clubes excursionistas, raramente se misturando com pessoas de outras agremiações e, em geral, não escalavam vias de outros clubes. A iniciativa do CEG, portanto, revolucionou a maneira que o montanhismo era vivenciado no Rio, promovendo a confraternização entre montanhistas e plantando a semente da união de diversos clubes.

O que veio a se tornar o evento mais tradicional do Brasil, na época foi considerado pela própria organização do evento uma brincadeira entre amigos, onde cerca de 200 pessoas, incluindo montanhistas de outros estados, se juntaram para contar histórias, tomar cerveja e, claro, escalar. Houve também algumas apresentações: escaladores (Giuseppe Pellegrini, Claudinho, Sérgio Tartari e Sérgio Poyares) desceram de rapel do bondinho de carga da Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, o Corpo de Bombeiros fez uma demonstração de resgate e ocorreu o sorteio de brindes.

Desde então a ATM acontece anualmente na Praça General Tibúrcio, na Praia Vermelha, Urca. No seu processo de evolução, a ATM acompanhou as mudanças no montanhismo.

Durante a década de 1990, começou a era das gincanas interclubes. Diversas atividades eram realizadas pelos membros dos clubes em uma competição que incluía cabo de guerra, subida de prussik, amarração de nós, tirolesa e uma atividade de multitarefas. As gincanas promoveram ainda mais a confraternização entre as entidades.

Na década de 2000, com a fundação da Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ), a ATM começou a tomar uma forma mais permanente, com stands dos clubes, apoiadores, campeonatos de escalada, além da gincana, sorteio de brindes e demonstração de resgate pelos Bombeiros. Montanhistas de diversos estados visitam o Rio justamente para poder participar dessa grande confraternização, o que promoveu ainda mais a influência e importância da ATM. Inclusive, essa grande influência pode ser verificada pela proliferação das Aberturas da Temporada de Montanhismo organizadas Brasil afora.

A partir de 2011, houve uma estratégia da FEMERJ de ampliar a captação de recursos para a os eventos visando a valorização do montanhismo, e a ATM, com mais recursos, começa a adquirir um significado mais estruturante para o montanhismo fluminense. A maior estruturação da ATM solidificou a confiança de parceiros no trabalho da FEMERJ, amplificando a divulgação da cultura de montanha na sociedade e ajudando a consolidar a Cidade e o Estado do Rio de Janeiro como um importante centro para práticas de atividades ao ar livre, baseada na prática responsável da visitação em áreas naturais.

Essa situação culminou com a inclusão da ATM no calendário oficial de eventos da Cidade do Rio de Janeiro (decreto municipal no. 31906 de 12 de fevereiro de 2010), e na realização da I Semana Brasileira de Montanhismo, em 2012, junto com a 25a ATM, em celebração dos 100 anos de Montanhismo no Brasil, tendo como o marco a conquista do Dedo de Deus. A I SBM representou o maior evento do montanhismo brasileiro, com 9 dias de atividades, incluindo: Etapa do Campeonato Brasileiro de Escalada, Congresso Brasileiro de Montanhismo, Encontro de Parques, Encontro Cientifico Uso e Conservação em Áreas de Montanhas, Ciclo de Palestras com montanhistas nacionais e internacionais, Cursos de Acesso e Conservação em montanhas para ativistas, Cine Montanha na Praça, exposição de lojistas, clubes de montanhismo e parques; oficinas e workshops, entre outros. A força desse evento em celebração aos 100 anos de montanhismo só foi possível com apoio dos próprios montanhistas e entidades parceiras que acreditaram e passaram a apoiar sistematicamente os eventos em prol do montanhismo e das atividades ao livre.

Com o sucesso da I SBM e 25a ATM, eventos como o Cine Montanha na Praça, etapa do Campeonato Brasileiro, palestras, oficinas e o Montanhismo Social são definitivamente incorporadas ao evento. Desta forma, a ATM passa a ser realizada em dois dias e segue ampliando sua significância cultural e social, sem contudo perder seu caráter original de celebração do montanhismo e local de confraternização. O Montanhismo Social é um exemplo de atividades desenvolvidas para apresentar o montanhismo e boas práticas em ambientes naturais para a sociedade, em especial para o público infanto-juvenil. Apesar da complexidade da organização do evento, é interessante destacar o caráter voluntário, onde um grupo de montanhistas dedica muitas horas durante meses para essa organização – em 2016 foram cerca de 690 horas e em 2015, mais de 1,500 horas.

Rio nas Montanhas

Em 2014, a Comissão de Organização da ATM, que conta com representantes dos clubes de montanhismo, considerou o fato de que o Brasil contava com mais de 10 ATM e todo ano precisávamos construir uma identidade extra para mostrar que a nossa ATM era a do Rio. Aliado a isso, a Comissão identificou a necessidade de demonstrar a amplitude do que vivenciamos numa ATM, atingindo aspectos culturais, ambientais e esportivos, o que facilitaria a obtenção de autorizações, inscrições em leis de incentivo e captação de recursos, além de melhorar a comunicação com os demais atores sociais sobre o evento.

Assim foi escolhida a marca "Rio nas Montanhas" (RNM) para denominar a ATM, nome que vem com o objetivo de fortalecer o evento, ampliar as oportunidades de estruturar o montanhismo e reforçar a identidade do evento.

O Rio nas Montanhas se tornou um dos pilares da Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) para atingimento dos seus objetivos de desenvolvimento do esporte, uma vez que ela proporciona a aproximação dos clubes e montanhistas, o fortalecimento das organizações do montanhismo (não apenas da FEMERJ, mas inclusive dela), a divulgação do montanhismo organizado, o reforço da representatividade, a ampliação do alcance, além de contribuir para a sustentabilidade financeira e a ampliação da base de associados.

Mas como?

O evento divulga a cultura, princípios e valores do montanhismo fluminense, promovendo a atração de novos associados para os clubes e para a Federação e consequentemente aumentando a nossa representatividade e alcance. Com isso, conseguimos ganhar espaço e credibilidade perante diversos atores, como políticos, gestores de Unidades de Conservação, esportistas, entre outros.

Aumentando nossa representatividade, conseguimos promover o desenvolvimento do montanhismo e da escalada fluminense de maneira mais adequada, pois ganhamos respaldo, confiança e recursos.

Resumidamente, o Rio nas Montanhas nos permite ampliar questões de organização institucional, ganhar representatividade e promover o desenvolvimento do montanhismo no Estado. Acima de tudo, o Rio nas Montanhas é o evento que celebra o montanhismo em sua essência, através dos montanhistas e dos clubes.

Contamos com você para realizar esse evento e conquistar mais benefícios para o montanhismo!

Contribua para a realização do evento pelo crowdfunding: https://benfeitoria.com/rnm2017

Informações sobre o evento: rionasmontanhas.com

Comissão de Organização do RNM: 30 anos de ATM

SAJAMA
UMA NOVA EXPERIÊNCIA NA BOLÍVIA

TEXTO: TATIANA BATALHA

Semana pré embaque para mais uma nova expedição em alta montanha, fui treinar com o mestre Eliseu em São Bento do Sapucaí. Como estava com a agenda cheia de coisas, plantões, organizar malas, alguns eventos com a família, só pude ficar um dia para escalar. Bom foi que cheguei em dia de festa. Era Aniversário de São Bento, e além da escalada pude aproveitar para fazer um lanche e comer churros na festa de comemoração de aniversário da cidade com o casal nota dez Ana e Eliseu. Risadas e boas histórias garantidas com essa dupla. Um bom descanso à noite no abrigo para logo cedo, como de costume, sair com o mestre escalar um pouco, um ótimo treino antes de seguir para a Bolívia.

Tatiana Batalha | SP

Uma grande amiga das montanhas, esteve lá umas duas semanas antes de mim, e já tinha me adiantado a informação de que esse ano a escalada nas altas montanhas da Bolívia estava difícil. Mas, como o bom mesmo é estar nas rochas e montanhas, foquei na oportunidade de conhecer novas pessoas, e fazer o que fosse possível , o que a montanha nos permitisse aproveitar. E embarquei em mais essa aventura.

A expedição ao Sajama, ia ser conduzida pelo grande guia e escalador Pedro Hauck. Com ele e sua equipe tenho participado de algumas expedições e travessias por aqui e nos Andes. A primeira experiência com ele foi em Itatiaia. Depois o curso de Gelo, onde tive a chance de estar na Bolívia pela primeira vez, e escalar meu primeiro 6000 metros. Fui parar lá no curso depois de um perrengue que passei na Rússia, escalando o Monte Elbrus, mas essa história fica para outra oportunidade. Dessa vez, estreando no Mountain Voices, prometi falar sobre a expedição ao Sajama.

Mas, só uma pincelada para situar o leitor de como fui parar no Sajama. Depois de um sufoco , momentos sozinha (50 minutos) a 5500 metros numa tempestade de neve no monte Elbrus na Russia, momento este que poderia ter acabado com minha paixão pelas montanhas de altitude, na verdade o que aconteceu foi que ao invés de me afastar delas (As montanhas de altitude são uma paixão antiga, e em 2007 tive meu primeiro contato com elas, quando estive no Peru fazendo o caminho Inca), percebi que precisava ir atrás de conhecimento, para caso algum dia uma situação desastrosa acontecesse novamente, eu não ficasse tão perdida, e pudesse me orientar, ou ajudar mais alguém se necessário, sem piorar a situação. Enfim, foi assim que fui parar nas rochas e num curso de escalada em Gelo. E pude mais tranquila aumentar a minha peregrinação pelo mundo para subir e admirar as altas montanhas.

Voltando ao meu dia de escalada em São Bento, uma semana antes de ir para La Paz, fui questionada pelo mestre Eliseu para saber o que eu queria escalar dessa vez. Bom, a temporada na Bolívia, sem a quantidade de neve esperada para essa época do ano, estava com trechos mais técnicos em gelo, e algumas montanhas com mais rochas do que se esperava. Locais onde faríamos travessias em glaciares, e locais próximos aos cumes das montanhas que percorreríamos poderiam ter trechos técnicos. Então pedi ao mestre para fazer um treino para isso e fomos visitar, eu pela primeira vez, as rochas dos Quilombos. Fizemos lá 4 vias, e tive a oportunidade de fazer duas vezes cada uma delas. Muito boas as vias, gostosas de fazer, me realizei mais uma vez escalando!

Com a agenda lotada, dessa vez nem fiquei descansando. Só um cochilo para pegar a estrada rumo a capital, mas antes um cafezinho do mestre.

Alguns dias depois, malas prontas, hora de partir rumo ao Aeroporto de Guarulhos. Um dos integrantes já havia me adicionado no facebook, o Joair. Mas não trocamos muitas mensagens, nem combinamos de nos encontrar no aeroporto. Eu sabia que éramos 4. Pensei, "nossa, vai ser uma expedição pequena", com 2 guias que eu já conheço, Pedro e Angel (um ótimo guia argentino que conheci no começo do ano na Expedição ao vulcão Ojos del Salado no Chile). Pensei: "vamos aproveitar bastante". Chegando ao aeroporto, na fila de embarque, fui identificada por Joair. Vi seu carrinho com mochila e um grande duffle, ele me chamou e perguntou se eu era a Tatiana. Fácil encontrar os amigos das montanhas, com suas grandes malas e mochilas de equipamentos. Fiz o check in com meu mais novo amigo da montanha, e fomos comer algo que era já perto do almoço. Ele sabia já dos outros que estariam no mesmo voo, e logo chegou o Mineiro, fácil de identificar com seus quase 2 metros de altura. Ficamos os três juntos, procurando quem seria o quarto elemento, mas só encontramos este em Cochabamba, onde tivemos que sair do avião para fazer imigração e depois reembarcar. Tudo "muito bem" organizado e sinalizado, era só voltar para o avião foi o que nos disseram, e eu fui voltando para pista, causando para os funcionários do aeroporto. Falta de informação, ninguém falou que tinha que sair para embarcar de novo. Falaram que era só voltar para o avião...Enfim, agora já sei qual o esquema na Bolívia.

Joair e o Alto Mineiro falavam que tinha mais gente. Um Russo, e mais umas pessoas. Eu nem sabia. Encontramos então Marcelo, que por seus trajes na fila, entregava que devia ser mais um das montanhas. Descobrimos então que havia mais 4 pessoas além de nós. Enfim, novo voo, chegamos a La Paz, a hidratação comendo solta desde São Paulo, para não errar na aclimatação. Hora de pegar as malas, fomos os 4 até a esteira e... Hum, esteira para, e onde estão nossos equipamentos? Vem um funcionário do Aeroporto e nos diz que precisamos sair e perguntar na empresa aérea. Eu não me estressei, pois a mala sempre chega. Teríamos 2 dias em La Paz antes de ir para a montanha, a mala ia chegar! Acabamos sendo encaminhados para outra ala do aeroporto, e ufa.... Estavam todas lá. Na conexão, as malas seguiram na mesma aeronave, e nós embarcamos em outra. Muito louco o esquema dos caras! BoA Airlines! Como diz um amigo, voar de BoA, é de boa! Pode ir tranquilo, só a mala pode se atrasar, mas tudo dá certo no final. Reunidos

para pegar o transporte para o hotel, fui parada por um outro moço, com trajes típicos das montanhas, e perguntou se eu era Tatiana. Falei que sim, e ele quem era? Ah.. Sou Marcelo, da expedição do Sajama, o quarto elemento que estava no mesmo voo que vocês. Nossa. Esse era o Marcelo do e-mail dos 4 que participariam da expedição, conforme eu tinha entendido. Bom. Éramos na verdade 9 clientes. Dois Marcelos. Malas acomodadas, partimos para o Hotel, para encontrar o pessoal que já estava lá. Quase ficamos sem transporte, pois o Marcelo Carioca, que conhecemos em La Paz ao pegar as malas, (o outro, o que conhecemos primeiro, na conexão em Cochabamba, chamarei só de Marcelo, para diferenciar.) esperou... esperou... e como ninguém apareceu, falou para o motorista encarregado de nos levar ao Hotel Sajama que só ele tinha chegado. Por alguns minutos não nos desencontramos!

No caminho para o Hotel, de volta às ruas da movimentada, sinuosa e alta La Paz. Pouco mais de um ano eu estive ali pela primeira vez, então já conhecia algumas das suas ruas, suas pessoas, os aromas e cores. O trânsito caótico, as Cholitas (bolivianas com trajes típicos, grandes saias coloridas, várias camadas de saias) vendendo comida, roupas e as mais diversas coisas nas ruas. Há até uma rua chamada "Rua das Bruxas", onde se encontram remédios os mais diversos, para curar e resolver qualquer tipo de situação: falta de dinheiro, de trabalho, situações diversas. Nosso Hotel fica na região da cidade que é a mais frequentada por turistas, onde se misturam diferentes idiomas, diferentes credos, culturas e condições financeiras. O contraste daqueles que viajam o mundo com aqueles que sentados ali na beira da calçada tentam ganhar seu sustento. Interessante andar pelas ruas dessa área da cidade, até então as únicas exploradas por mim um ano antes.

No hotel o reencontro com antigos amigos, e novos amigos. Enfim equipe de guias e clientes quase completa, apenas um , o Idealizador da expedição, chegaria no dia seguinte. Jantar com o grupo todo para no dia seguinte conferir os equipamentos, alugar o que faltava para alguns, e no terceiro dia cedo partir rumo à região do Condoriri. Um ônibus levou todo o grupo, clientes, nossos guias locais, equipe de apoio , as grandes e impagáveis cozinheiras, pelas estradas planas rodeadas por montanhas de 6000 metros, até o local de início de nossa jornada. Durante o trajeto uma outra visão do Huayna Potosi, o qual subi por outro lado no ano anterior. E muitas outras montanhas que ainda não gravei o nome! Logo ali, tão perto da cidade! Um paraíso para os apaixonados pelas montanhas. Antes de começarmos a caminhar, uma almoço em mesas improvisadas na beira da estrada, com o maciço do Condoriri ao fundo. Nosso próximo destino. Lá ficamos na primeira parte da expedição, para subir montanhas de 5000 metros, como programa para aclimatação, e montanhas famosas por sua beleza! Uma caminhada tranquila para o primeiro dia, um vale, onde ao longe se via o Condor (sobre o qual ouvimos algumas histórias), e nossos planos para essa expedição: a esquerda o Cerro Áustria, e ao fundo a direita do Condor o glaciar para se chegar aos Cerros Tarija e Pequeno Alpamayo.

Chegamos ao Acampamento Base do Condoriri e tivemos nosso lanche e jantar na barraca refeitório, que assim terminada a janta, foi rapidamente desmontada e transferida para o abrigo pois a previsão para aquela noite era de ventos fortes. Mais uma vez eu experimentaria a sensação de estar sozinha na barraca durante uma expedição em alta montanha. Gosto de dividir com outras pessoas, mas gosto também de ter a experiência de estar só numa barraca, em lugares distantes, em climas extremos. A primeira vez que vivi isso foi no Caminho Inca. Em todo ele fiquei sozinha, pois éramos um grupo de 3, uma casal e eu. Outra experiência dessas, foi no Natal de 2013, quando fiz o trekking até Plaza de Mulas no Aconcágua. Depois da ceia de Natal em Plaza de Mulas (o Campo Base do Aconcágua), todos se recolheram em suas barracas, o vento era forte, e eu ria sozinha na minha barraca pensando "Como alguém pode ficar tão feliz passando o Natal assim, sozinho numa barraca, numa ventania, tendo que abrir a barraca na madrugada para arrumar as pedras e cordas que a seguram para que ela não desmonte ou saia voando? ", foi um dos melhores Natais que passei! Ao som do vento batendo na barraca na base do gigante das Américas.

Voltando à Expedição Sajama, foi uma noite tranquila apesar do vento e neve, tive um pouco de dor de cabeça, mas isso é normal quando chegamos a um ponto mais alto nas grandes montanhas. Já não me assusto. Basta beber mais água! Quando acordamos a paisagem havia mudado. A neve deixou barracas, telhado do refúgio e todo o terreno ao redor cobertos! Impressionante como do dia para noite a paisagem pode mudar nas montanhas! Mesmo deixando uma fresta nas portas da barraca, amanheci com gelo sobre minhas coisas. Manhã de descanso e no meio da tarde uma caminhada até o glaciar para um treino de manuseio de equipamentos, quedas e progressão em glaciar e gelo para todos (um primeiro contato para alguns e uma boa revisão para os já familiarizados). Treino este no glaciar que subiríamos nos próximos dias.

Mais uma noite de descanso, alguns membros do grupo com mal estar e alterações intestinais, mas nada que comprometesse, até então, nossas ascensões. Antes de partir para o Glaciar do Pequeno Alpamayo, no terceiro dia no Condoriri, subimos todos o Cerro Áustria. Uma montanha de 5350 metros, que pode ter seu cume alcançado caminhando com ou sem o auxílio de bastões de caminhada. Um trekking, sem dificuldades técnicas mas que pode já fazer sentir algo àqueles que tem alguma dificuldade para aclimatação, ou não estão acostumados a longas horas de caminhada, subindo, em altitude. O Cerro Áustria é usado como estratégia para aclimatação pelos montanhistas que sobem as montanhas mais altas da região. Neste dia todo grupo chegou ao Cume. Os amigos idealizadores da expedição um pouco mais rápidos que eu e meus companheiros de voo, Joair e o Mineiro Alto. Mas para se chegar ao cume das altas montanhas é necessário paciência. Subir devagar é o lema! Um dos companheiros ficou bem cansado, mas deu conta do recado. Estava batendo o recorde de altitude, imaginamos que pelo seu porte físico, muito alto, devia ter alguma demora na sua aclimatação. Mas era apenas a primeira montanha, estávamos todos ainda aclimatando. De volta ao Campo Base, todos satisfeitos com o primeiro cume da expedição, jantar e mais um dia de descanso e organizar mochilas, para no próximo dia de madrugada partir rumo ao Tarija e Pequeno Alpamayo.

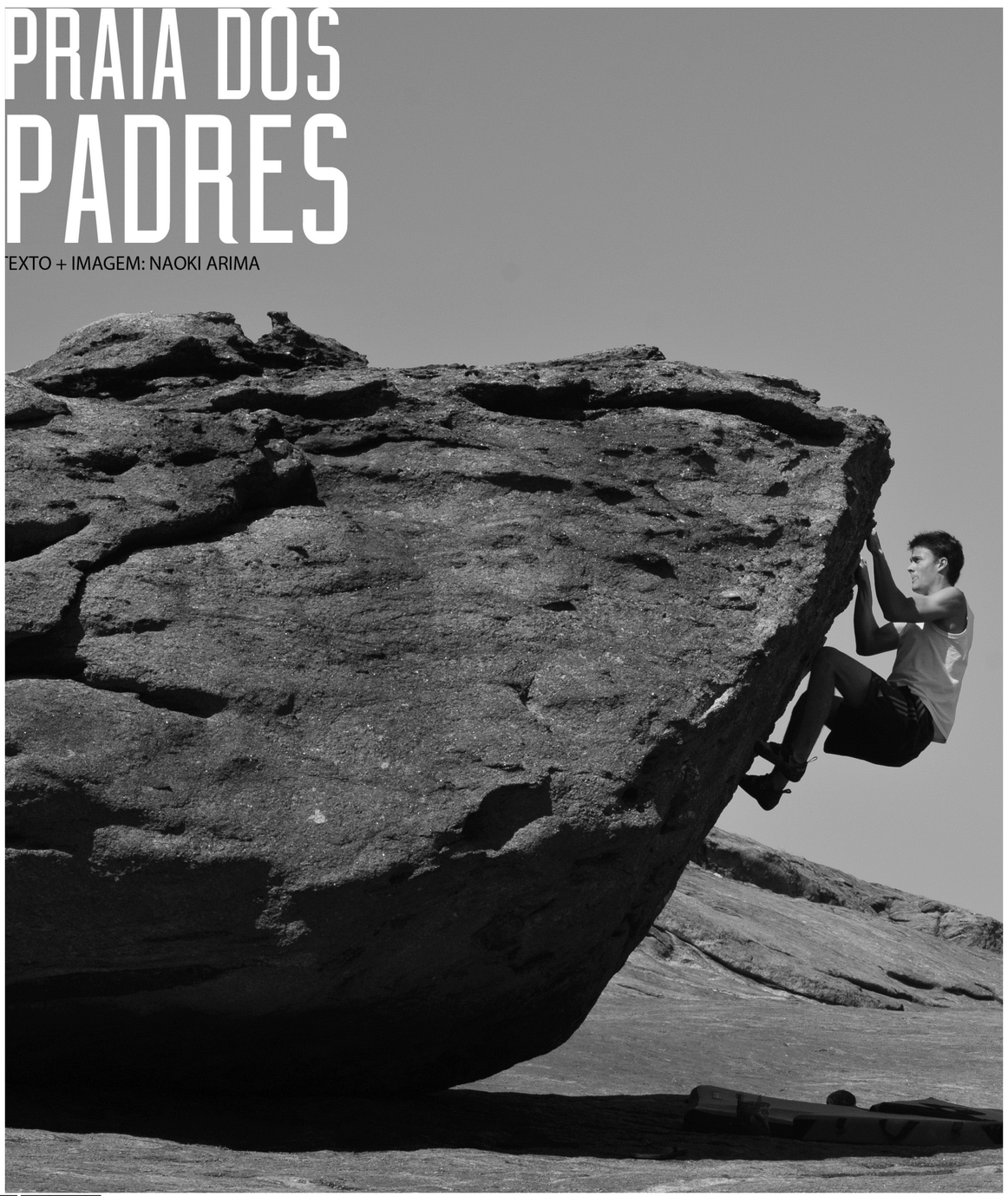
No Campo Base estava uma dupla de argentinos com seu guia, chegaram exaustos do Pequeno Alpamayo. Subiram no nosso dia de descanso. Pelas suas caras imaginávamos o que nos esperava no dia seguinte. O que era apenas um desconforto intestinal num dos integrantes do grupo acabou sendo diagnosticado pela equipe, e tratado como uma infecção intestinal, pois nosso amigo não melhorava só com restrição na alimentação, e antes que desidratasse , o que debilita rapidamente uma pessoa na altitude, iniciou o tratamento e tomou a decisão de não subir o Pequeno Alpamayo com o grupo, pois já tinha subido anos antes, e optou, por assim, descansar mais um dia e poupar energias para aquele que era seu principal objetivo nessa expedição, o Sajama.

Quinto dia na montanha, madrugada chega, hora de subir glaciar! Acordados por nossos guias a 1h 40 minutos, um pouco mais tarde que o programado, toda vez um momento de muito sono e vontade de ficar dentro do saco de dormir até o sol nascer, mas as montanhas chamam. Como diz Pedro "É preciso vencer a madrugada!" , ou algo parecido. Rapidamente me visto , com as botas duplas e roupas de frio, saio da barraca com minha mochila preparada com capacete, piolet, crampons (para a travessia no glaciar), água e lanche para a jornada do dia, bastões de trekking em mãos. Café da manhã tomado , fomos divididos em grupos com pessoas de velocidade parecidas, iniciamos a caminhada, com lanternas acesas na cabeça pois o sol só veríamos mais tarde. Partimos então rumo ao glaciar que precedia a subida do Tarija, o qual subiríamos , desceríamos e então seguiríamos para o Pequeno Alpamayo. Nenhuma destas ainda tinha mais de 6 mil metros. Mas mesmo assim, caminhar acima dos 4000 metros, e ultrapassar os 5000 fazendo uma travessia em glaciar , pulando gretas, pode ser cansativo e tenso para quem não está acostumado ou mesmo para quem já é experiente. Eu já havia experimentado algumas vezes, então tinha uma certa familiaridade com o uso dos equipamentos, como caminhar para cansar o menos possível, e o mais divertido, mas momento onde é necessário estar muito atento, como se "desvencilhar" das gretas. Na cordada iam Carlos, nosso guia Boliviano, eu, o Mineiro Alto e Joair, nessa ordem. Meus dois companheiros nunca tinham pulado gretas. Seguimos então em zigue zague, subindo o glaciar, pulando para não cair nas gretas. Ainda escuro, frio, ao longe se via as luzes do pessoal que avançou mais rápido que nós, com os guias Pedro e Alex. Ouvia-se em alguns momentos os estalos do gelo quebrando, conforme progredíamos e o dia ia amanhecendo. Eu ouvia o Joair falando algo quando passávamos por alguma greta, com seu sotaque sulista (meus avós e meu pai nasceram no sul, tenho parentes lá e desde pequena ouço esse sotaque, me divirto!), e os sustos que levava ao som do gelo quebrando. Eu ouvia tudo aquilo e saltava pelas gretas me divertindo pois estávamos com um guia experiente, e eu já conhecia um pouco desse tipo de caminhada. Não imaginava o que meus amigos estavam sentindo. Paramos algumas vezes para descansar, e o Mineiro, foi ficando muito cansado. Eu falava para eles "vamos até lá onde o sol está começando a bater" imaginando que lá estaríamos perto do cume do Tarija. Os amigos cansados, judiei um pouco deles pois fui tentando, tentando, fazer com que se animassem a chegar até onde o sol batia. Queria ver o outro lado da montanha, o que tinha... Um dos companheiros de cordada quase me mata do coração numas das pausas para descansar. Muito cansado naquele momento, me conta seu antecedente médico, e dizia que sentia algo no peito. Fui conversando com ele, ficamos mais tempo descansando, avaliei sua frequência cardíaca e comparei com a minha... É... Na hora não falei para ele, ou falei, que a minha era metade da dele. Susto passado, sem dor e descansados, continuamos a subir, eu quase puxando meus amigos com a vontade de chegar onde o sol batia.... Cheguei até a levar umas "broncas", que se fosse puxar eles para cima, minhas energias iam se acabar. Mas eu seguia subindo, pois mesmo que precisássemos voltar sem chegar ao cume, só gostaria de prosseguir mais uma pouco para ver o que havia do outro lado. Nessa, acabamos os 4 chegando até o ponto onde o sol começou a aparecer, o Passo Tarija, mas, ainda um pouco longe de ser o cume, e da travessia para o Pequeno Alpamayo. Lindo o lugar de acesso ao Tarija. Ele começava a direita de onde chegamos, uma subida de uns 30 a 40 graus, repleta de Penitentes (formação que o gelo tem, devido a ação dos ventos), que nos levaria ao cume do Tarija. Seria um ótimo treino para o que nos esperava nos próximos dias no Sajama. Alguns amigos das montanhas já me haviam dito que lá no Sajama há grandes Penitentes. Sentamos para descansar, nosso guia a dizer que faltava pouco, mas os companheiros estavam muito cansados. Hoje imagino como deviam estar. Era a primeira vez deles subindo um glaciar e pulando gretas aos 5000 metros. Cansaço e muita emoção para uma primeira vez. Reunidos conversamos e o grupo tomou junto a decisão de voltar a partir dali. Não fiquei triste por não continuar, tudo até ali havia sido muito divertido, apreciei a paisagem, as companhias, pulamos juntos várias gretas, a montanha ainda estaria lá nas próximas temporadas.... Poderíamos voltar! Começa a descida, e com o sol a toda, pudemos ver bem a beleza do glaciar. As gretas pelas quais passamos e precisávamos novamente pular para retornar. A surpresa no rosto daqueles que nunca tinham feito isso, ao ver a profundidade e a beleza das fendas no glaciar. Algumas paradas para retomar o fôlego até voltar para a base do glaciar, onde retirados crampons, piolets e cadeirinhas, continuamos a caminhada até o acampamento base, onde as excepcionais cozinheiras nos aguardavam com suco e sopa quente para recarregar as baterias. Não dormir é a ordem quando se volta de um dia de cume. Hidratar e comer é o que nos resta, apreciar a paisagem, bater um papo com os amigos, e com quem ficou na base por condições precárias de "barriga".

Acabei não contando antes, mas na madrugada, um de nossos guias, por sinal um guia muito forte e experiente, passou muito mal. Diarréia e vômitos o deixaram acordado a noite toda, e sem forças, nem saiu da barraca na madrugada desse dia. Deve ter pegado a infecção do outro integrante. Isso acabou nos deixando com um guia a menos, que fez muita falta no momento de continuar quando chegamos ao começo dos Penitentes do Tarija. Eu estava bem ainda, se tivéssemos mais um guia talvez pudesse ter continuado. Mas nada é por acaso! Não gosto muito de parar, mas estou em constante aprendizado de que na montanha não basta só chegar ao cume, é preciso ter condições físicas e mentais para voltar em segurança. Quando nossos amigos que fizeram o cume das duas montanhas programadas para aquele dia chegaram, soubemos o quão difícil estavam as condições da montanha após o Tarija. Como escrevi, nada é por acaso, por algum motivo um dos guias passou mal nesse dia e não foi, e eu e meus companheiros voltamos antes. Chegaram todos muito cansados. Felizes com o feito, alguns felizes mas extravasando em choro a tensão pela qual passaram durante os momentos de subida e descida do Pequeno Alpamayo. Pedro, que já tinha estado lá outras vezes, muito experiente, nos disse que nunca tinha visto a montanha daquele jeito. Como foi tudo, quem pode contar melhor é ele, afinal voltei do Tarija e não vi como estava o caminho até o Cume do Pequeno Alpamayo. Só posso dizer que temporada sem neve tem mais gelo muito duro e a montanha acaba ficando mais difícil. (Continuação na próxima edição).

PRAIA DOS PADRES

TEXTO + IMAGEM: NAOKI ARIMA



Nas últimas duas edições do informativo Moutain Voices, edições 153 e 154, apresentei duas áreas de escalada do Espírito Santo; uma área de escalada esportiva em Castelo (Furlan) e a Pedra Azul (escalada tradicional), respectivamente.

Para completar a trilogia, nesta edição irei apresentar um famoso destino de verão do litoral capixaba aos amantes do boulder: Praia dos Padres em Meaípe , Guarapari.

Com mais de 1000km de extensão, o litoral do Espírito Santo é caracterizando por extensas praias com falésias de arenito na porção norte do estado; e ao sul, por enseadas e baias protegidas por afloramentos rochosos à beira mar. E é justamente numa dessas enseadas, ao sul da famosa cidade de Guarapari que está a Praia do Padres, uma pacata enseada ainda bastante desconhecida dos turistas que abriga no costão da esquerda uma série de boulders à beira mar.

Em parte, o local lembra um pouco o Pontão de Fortaleza em Utabuba (SP), mas infelizmente a qualidade dos boulders não é equiparável aos "granitos macios" de Ubatuba, pois a rocha caraterística da Praia dos Padres é um gnaisse bastante abrasivo.

A história dos boulders de Meaípe remete, provavelmente à década de noventa, quando um escalador carioca bateu alguns grampos para top rope nos matacões mais altos. Infelizmente, devido à ação da maresia e a falta de manutenção, os mesmos encontram-se praticamente inutilizados nos dias de hoje.

Posteriormente local foi desenvolvido pelos escaladores locais quanto pelos escaladores mineiros que vinham passar o verão no litoral capixaba. Essa invasão bilateral teve como consequência a abertura de novos boulders e problemas, mas também trouxe problema quanto ao nome das linhas e os respectivos autores. Atualmente, há um certo consenso quanto ao nome das linhas, mas a definição dos autores originais de cada linha ainda continua bastante confusa. É claro que isso são apenas detalhes que não influenciam em nada a qualidade dos boulders, afinal de conta estamos lá para subir pedra.

Os boulders da Praia de Meaipe abrigam aproximadamente vinte problemas distribuídos em nove blocos principais, sendo que no bloco do Bulldog está o problema mais difícil, um V9. Mas a praia é bastante democrática com vários outros boulders mais fáceis. A única coisa que não é democrática é a abrasividade que costuma deixar os mais desavisados sem pele em poucas tentativas.

Outro aspecto importante desses boulders é que eles estão diretamente sobre o leito rochoso, fazendo o uso de (muitos) crashpads mandatório. Eu mesmo já fui vítima desse leito de gnaisse quando acabei pousando de mal jeito fora do crashpad e sai de lá carregado direto para o hospital.

Além dos pads, também é importante ficar de olho na tábua de maré para não pegar os boulders embaixo da água ou correr o risco de tomar uma bucha de água salgada durante uma tentativa. Devido à proximidade com o mar, durante a maré sizígia é praticamente impossível escalar os blocos.

A temporada de praia já está no fim, mas agora que os turistas foram embora e o sol deu uma trégua, a Praia dos Padres está pronto para receber os estranhos seres com esponja quadrada nas costas! A final de conta, no Espírito Santo é verão o ano inteiro!

Ah, não se esqueçam do esparadrapo!

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (III): ESPINHAÇO ABAIXO

"Luzia, o fóssil do ser humano mais antigo das Américas, negra por essência e excelência, é provavelmente o elo comum de toda a civilização americana." Jane Cassol

"O casco pisara em falso, Dão noiva e cavalo um salto, Precipitados no abismo. Nem o baque se escutou. E a Serra do Rola-Moça Rola-Moça se chamou. " Mário de Andrade

Ordenei os três parques deste artigo a partir do sul, à medida que o Espinhaço se aproxima, contorna e se afasta da capital mineira, na sua longa travessia rumo ao norte. São parques pequenos, sem grande beleza, mas um deles tem uma história muito especial.

Alberto Ortenblad | SP

Serra do Rola-Moça

Este nome tão diferente se originou de um poema bem banal de Mário de Andrade, que conta a história de um casal que, após seu casamento, atravessou esta serra voltando para casa. O cavalo da moça tropeçou no cascalho e a dupla despencou ladeira abaixo, daí o nome de rola-moça.
O PE da Serra do Rola Moça é urbano, estabelecido em 1994, seus 3.940 ha localizando-se entre os municípios de Belo Horizonte, Brumadinho e Nova Lima. Limita-se com as Serras do Curral e do Ouro Branco a norte e sul e do Caraça e da Moeda a leste e oeste.
Seu acesso alto ocorre no início da BR 040, rumo ao Rio de Janeiro, com 3 km de estradinha de terra após o posto rodoviário Chefão, no bairro de Jardim Canadá. É também possível chegar por baixo, na portaria de Ibiriti. O Parque é atravessado pelo asfalto que vai até Brumadinho. O Centro de Visitação encontrava-se em construção quando conheci o Parque. Não encontrei monitores, mapas ou sinalização.
Situado numa zona intermediária entre cerrado e mata atlântica, é rico em campos ferruginosos e de altitude, cujo aspecto é bastante pobre, até mesmo desolado. Mas a vegetação é diversificada, com espécies arbustivas como orquídeas e bromélias, e arbóreas como cedros e candeias. A savana do cerrado contém ainda pequenas árvores como pequis e barbatimões. Entretanto, o Parque é também invadido por moitas de capim gordura e de favorita. Seu símbolo é a canela de ema.
A posição urbana do PESRM não impede que possua uma fauna variada, com mamíferos médios e pequenos. Embora não exista um mosaico na região, permitindo a migração dos animais, acredito que isto se deva à existência de serras adjacentes, onde o acesso difícil contribui para a preservação. Existem reservas em algumas delas, a exemplo da Serra da Moeda. Seria interessante consultar a respeito o artigo anterior desta série.
Os mananciais do PE pertencem às bacias do Paraopeba e do Rio das Velhas, afluentes do São Francisco. Isto se deve à localização oeste do Parque, fazendo suas águas correrem para o interior. O Paraopeba atravessa o centro do Estado num sentido noroeste, até alcançar o São Francisco na Represa de Três Marias. No seu percurso de 500 km, aproxima-se de Belo Horizonte, onde suas águas contaminadas o tornam um rio morto.
O Rio das Velhas é um curso enorme, com 800 km rumo norte, de grande importância no ciclo do ouro. Existe uma suspeita de que os primeiros mineradores não vieram de São Paulo, através do caminho curto, porém difícil, que atravessava serras e matas. Teriam vindo do nordeste, desde a foz do São Francisco até a confluência do Rio das Velhas, que teriam subido até as nascentes em Ouro Preto. Assim como o Rio Doce, do qual falarei depois, ele é terrivelmente poluído no seu trecho em Belo Horizonte.
O PESRM é atravessado por serras, sendo o seu relevo muito acidentado. Isto permite a existência de mirantes como das Três Pedras, do Planeta e do Morro dos Veados, na altitude de 1.400m. Existem algumas trilhas, variando de 3 a 12 km, com observação de pequenos lagos e cachoeiras, sem serem porém muito interessantes. É comum os ciclistas pedalarem os 6 km entre as duas portarias.
O Parque conta também com pequenas grutas. Encontra-se 80% indenizado, o restante pertencendo principalmente a mineradoras.
Mas o principal visual é o da cidade de Belo Horizonte, sua imensa mancha brilhante ocupando todo o horizonte. A cidade e a rodovia infelizmente descaracterizam o Parque, tornando seu aspecto pobre e estranho. Para isto também contribuem os campos áridos e o relevo abrupto.

Lagoa do Sumidouro, PE Sumidouro, MG

Mata do Limoeiro

Limoeiro era o nome de uma antiga fazenda, da qual não se sabe muito. Foi nas suas terras que se formou em 2011 um pequeno PE, com apenas 2.060 ha. Está situado próximo a Ipatinga, local antes habitado pelos índios carijós, colonizado pela busca ao ouro e desenvolvido pela exploração do ferro. Fica num distrito chamado Ipoema, onde se chega por asfalto recente. Seu acesso é pela estrada para a comunidade de Laranjeiras, a 6 km por terra. Dista 90 km de Belo Horizonte.
Suas terras foram transferidas pela empresa Vale como compensação ambiental. Pertenciam à Fazenda Limoeiro, resultado de oito glebas compradas por José Simão. Ele adquiria matas para a produção de carvão, necessário aos fornos da Cia Ferro Brasileira. Como resultado, ficava com as terras nuas, consideradas na época como de baixo valor.
Mas, ao longo dos anos, a mata cresceu de volta. No final dos anos de 1980 foi proposto o seu corte, mas a população entrou à frente das motosserras, impediu a destruição e, desde então, a área permaneceu razoavelmente preservada. Portanto, a floresta que você atravessará até chegar à Gruta do Limoeiro na extremidade da trilha é provavelmente terciária.
Na realidade, o Parque está bem próximo da borda sul do PN da Serra do Cipó e é limítrofe com a APA Morro da Pedreira que envolve o Cipó. Por isso, tem uma topografia elevada, com cristas a 1.300m de altitude – mas sua trilha principal está a aprox. 650m. Cerca de 2/3 de sua área é florestada. Por isto, seus funcionários têm orgulho em chamá-lo de Gigante Verde.
Podem lá ser observados fragmentos de cerrado e de mata atlântica, dois dos biomas bem comuns no Espinhaço. A vegetação inclui candeias, ingás e vinháticos, todas sendo madeiras de lei, havendo duas espécies ameaçadas, o jacarandá e a braúna. São notadas as belas flores dos ipês, das canafístulas e das quaresmeiras. A fauna é diversificada, com exemplares raros do peixe pirapitinga, do cágado d´água e do gavião pega-macaco.
Os atrativos do PEML são suas cachoeiras – como a do Derrubado e do Limoeiro - dispostas ao longo da trilha de 5½ km que acompanha o Ribeirão do Limoeiro. Já a Gruta de mesmo nome, por ser arenítica, não me pareceu interessante. Nenhum dos quatro mirantes tinha acesso sinalizado. Você pode percorrer o Parque numa manhã, num agradável percurso amenizado pelos banhos. Nas proximidades, você pode conhecer belas quedas d´água (em especial a Cachoeira Alta), o pitoresco Morro Redondo e a esplêndida Serra dos Alves, que pretendo descrever num próximo artigo.
A sede do Parque fica numa antiga escola, onde seu gestor Alex Oliveira desenvolve uma intensa atividade educativa. São 13 funcionários, para uma visitação anual de 6 mil pessoas, principalmente estudantes e ciclistas. Apesar de modesto, o Limoeiro é uma operação que me pareceu bem-sucedida, devido ao empenho e à criatividade de seus funcionários.

Sumidouro

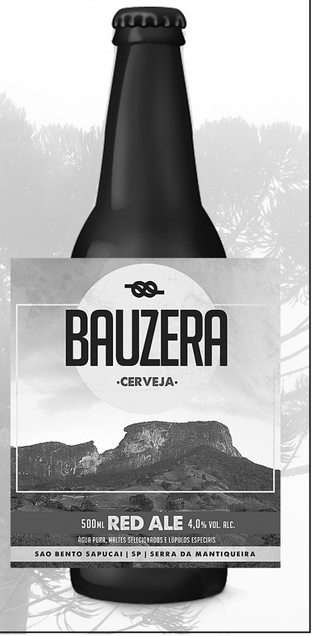
O PE do Sumidouro fica em Lagoa Santa, uma cidade de porte médio logo ao norte da capital mineira. O primeiro tropeiro que explorou a região teve suas feridas rapidamente cicatrizadas após banhar-se numa das lagoas do lugar. A cidade recebeu então o sugestivo nome de Lagoa Santa. Mais tarde, pesquisas científicas confirmaram que havia uma espécie de alga que, em contato com as feridas, acelerava o processo de cicatrização.
Este Parque tem um forte conteúdo histórico, dados os seus registros arqueológicos, indicando uma ocupação humana desde 12 mil anos atrás, junto com a megafauna pleistocênica. São sítios com ossadas, artefatos, pinturas rupestres e vestígios de fogueiras, a maioria em cavernas, abrigos e paredões rochosos favorecidos pela rocha calcária.
Essas eram populações negroides, aparentadas a ascendentes de origem asiática, talvez vindos da Austrália. Pouco fecundos ou agressivos, muito dependentes da caça e da coleta e pouco flexíveis às mudanças climáticas, foram suplantados pelos povos mongoloides (os indígenas), numa segunda etapa da ocupação da região. Entretanto, estes últimos não deixaram os vestígios dos primeiros, como as inscrições rupestres, as peças em pedra ou osso, as cerâmicas e os trançados.
No passado distante, populações sucederam-se ocupando de forma permanente os abrigos do local, cultivando o solo e fazendo uso das águas das lagoas. Com a chegada das primeiras bandeiras, com Fernão Dias como precursor, as sociedades indígenas foram desestruturadas e substituídas pelos brancos. A partir de então, o interesse pelas cavernas se voltou para a exploração do salitre ou a extração do calcário.
A região onde está o PES é rica em calcário oriundo do fundo do mar, quando toda a bacia do Rio das Velhas encontrava-se inundada – ele foi depois compactado e soerguido, quando as águas recuaram e o solo secou. O planalto de Lagoa Santa é chamado de carste. Esse nome vem de kras, região da Eslovênia onde este tipo de rocha foi estudado pela primeira vez. Designa simplesmente um campo de pedras calcárias.
Por ser solúvel em águas ácidas, o calcário assume formas como dolinas, depressões em forma de funil, que podem ser inundadas por lagoas ou enchidas por sedimentos, bem como sumidouros, ressurgências ou cavernas. Em Lagoa Santa aparecem ainda outras formas, como afloramentos rochosos, escarpas perfuradas por grutas, vales profundos, fendas superficiais e condutos subterrâneos.
A presença de centenas de cavernas, que dizem ser 700, fez a região ser considerada o berço da espeleologia brasileira. O dinamarquês Peter Lund realizou por dez anos no século XIX pesquisas pioneiras na região, até retirar-se numa vida reclusa pelos seus últimos anos. Lund doou sua imensa coleção ao Rei da Dinamarca, restando no Brasil um único crânio humano. Morreu como um cidadão querido de Lagoa Santa, tendo sido enterrado sob a sombra de um pequizeiro.
Lund encontrou dezenas de ossadas humanas junto com fósseis da fauna do Pleistoceno – como mastodonte, preguiça gigante e tigre dentes de sabre. O Homem da Lagoa Santa, como foi chamado, foi contemporâneo destes animais e, possivelmente, emigrou da Austrália ou da Ásia para a América – duas conclusões consideradas polêmicas. Essas descobertas foram fundamentais para a teoria evolutiva de Darwin.
Em 1975 foi encontrado o crânio de Luzia por uma missão franco-brasileira, uma jovem negroide com quase 12 mil anos - a primeira brasileira e, até recentemente, o mais antigo fóssil das Américas. Este achado confirmou as hipóteses de Lund: ela teria vindo da China pelo mar, atravessando o Estreito de Bering.
Na realidade, apesar de antigo, o Parque foi bastante degradado, até ser assumido pelo IEF em 2008. Encontra-se apenas 60% desapropriado, havendo antigas áreas de pastagem e de mineração. Seu quadro de pessoal é robusto, com 60 funcionários. A presença da famosa Gruta da Lapinha faz com que seja possivelmente visitado por mais de 50 mil pessoas/ano (estimativa minha).
Este PE tão precioso é muito pequeno, pouco mais de 2.000 ha. Criado em 1980, é envolvido pelos 40 mil ha da APA da Lagoa Santa, estando ao norte dela. Esta APA foi decretada na véspera da do Morro da Pedreira, no Cipó (ver próximo artigo). Distante 60 km de Belo Horizonte, o Parque possui duas portarias – Gruta da Lapinha em Lagoa Santa e Casa Fernão Dias em Pedro Leopoldo, distantes 7 km entre si. Ambas são acessadas pela MG 010, que atravessa a cidade.
Da primeira parte a Trilha da Travessia (5½ km) e, da segunda, a Trilha do Sumidouro (2½ km), passando ambas pela lapa, pelo mirante e pela lagoa do Sumidouro, ao atravessar transversalmente o Parque. Você encontrará preciosas pinturas rupestres de homens e animais nos seus paredões, integrantes da tradição planalto. É também possível escalar suas paredes, logo à entrada do Parque.
Mas não espere caminhos visualmente bonitos, pois são sombreados por matos secos, típicos da presença do calcário, e por capoeiras, resultantes dos desmatamentos passados. Segundo a monitora Fernanda Pereira, o calcário é como uma esponja, secando o terreno. No fim do Espinhaço, voltarei a comentar sobre a mata seca, que lá tem uma feição bastante mais forte.
Existem também vegetações rupestres, sejam herbáceas ou arbustivas. A famosa Lagoa do Sumidouro encontrava-se totalmente seca quando a visitei – só seu sumidouro era visível. A fauna que habita o Parque é apenas de médio porte, dado seu habitat pouco propício. Em resumo, não me pareceu uma natureza muito sugestiva.
A primeira portaria também acessa a famosa gruta e o Museu Peter Lund – são estes realmente os maiores atrativos deste Parque tão pequeno e diferente. A Gruta da Lapinha é relativamente pequena, com 630m, dos quais os primeiros 500m são visitáveis. É uma gruta linda, alternando paredes de elegante granulação com grandes decorações calcárias de delicadas cortinas.

Em compensação a reservas tão pequenas, conheça a continuação do Espinhaço nos enormes e deslumbrantes campos da Serra do Cipó.

Alberto Ortenblad, São Paulo
ortenblad@terra.com.br

GENUINAMENTE
ARTESANAL
PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

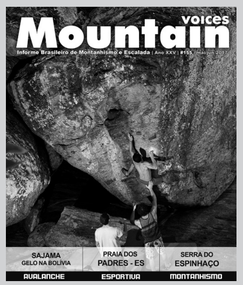
BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5.3%ABV | 40 IBU
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

__Mountain Voices__ é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a pratica deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br.
Web site: www.mountainvoices.com.br.
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, criticas e apoio.



Capa: Bouldering na praia dos Padres, ES.
Imagem: Naoki Arima.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP.
Preços válidos até **30/10/2017**.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....-.....Telefone.(.....).....

E-mail.....

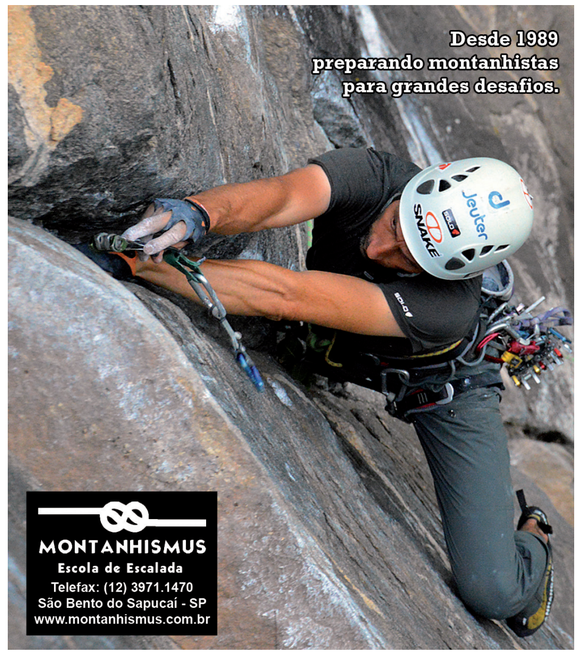
Idade..... Profissão.....

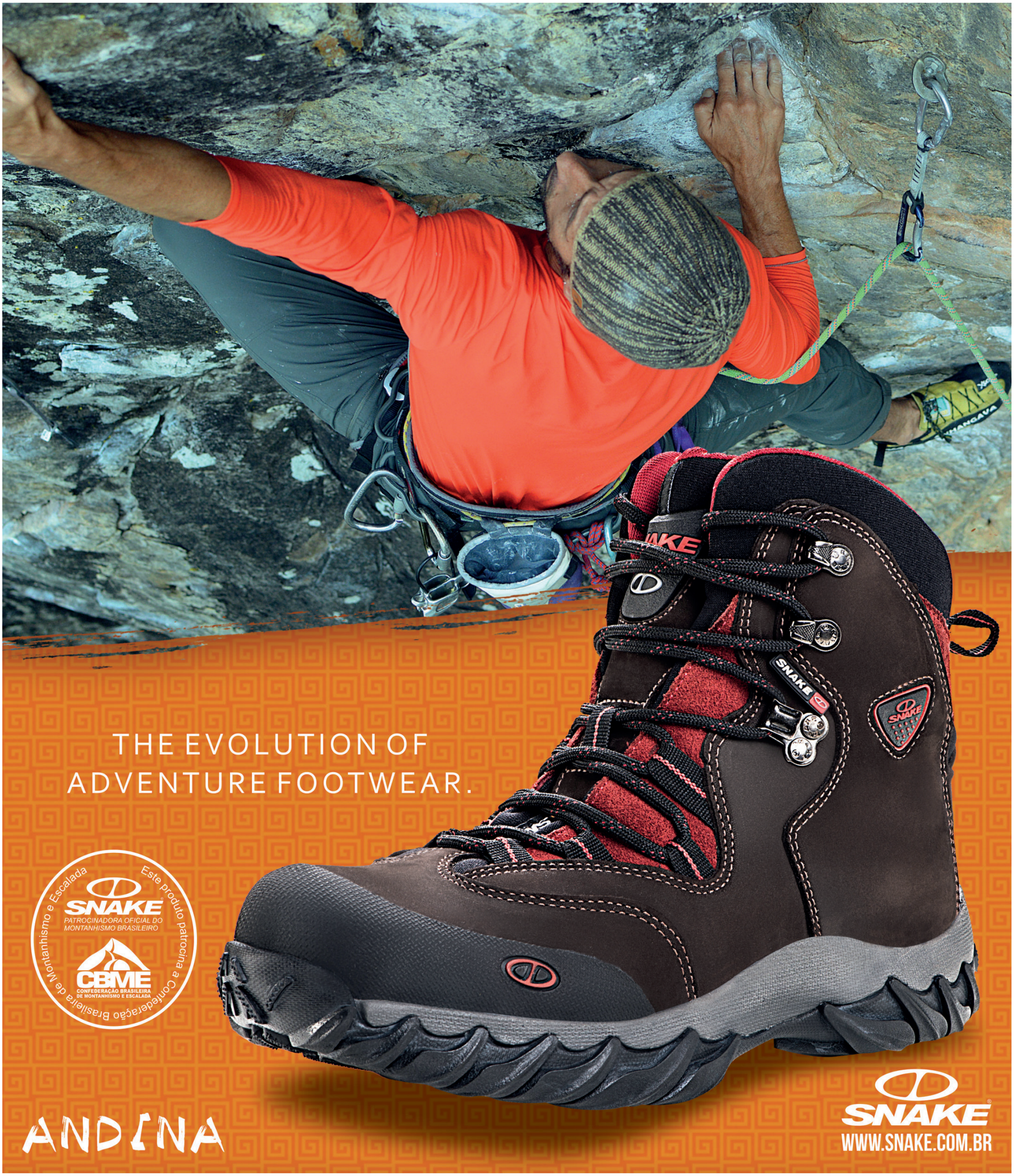
Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R$ 30,00
( ) Renovação assinatura - R$ 20,00
( ) Assinatura 2 anos - R$ 40,00
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R$ 5,00 / exemplar
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R$ 25,00
( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R$ 25,00
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R$ 25,00

155

Total .....,00




THE EVOLUTION OF
ADVENTURE FOOTWEAR.
Este produto patrocina a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada
SNAKE
PATROCINADORA OFICIAL DO MONTANHISMO BRASILEIRO
CBME
CONFEDERAÇAO BRASILEIRA DE MONTANHISMO E ESCALADA
ANDINA
SNAKE
WWW.SNAKE.COM.BR